

## Cronologia da Vida e da Obra de Alfredo Pimenta (1882-1950)

1882 — Nasce em Penouços, Freguesia de São Mamede de Aldão, Guimarães, pelas 3 horas da madrugada do dia 3 de Dezembro. É baptizado no dia seguinte na Igreja Matriz de S. Romão de Rendufe.

1890 — Vive em Braga com seus Pais, numa casa junto à igreja de S. Victor; frequenta o Colégio Académico a Guadalupe onde estuda as primeiras letras; depois frequenta o colégio do Espírito Santo onde tropeça nos estudos.

1892 — Regressa a Guimarães e frequenta o colégio de S. Nicolau, no Beríngel, onde o mestre de Matemática lhe encontra jeito para esta disciplina.

1893 — Recebe o prémio da Sociedade Martins Sarmento para o melhor estudante de instrução primária.

1895 — Morte da Mãe; morte do Pai.

No conselho de tutela figuram seu tio Silvestre, casado com D. M.<sup>a</sup> Emília de Meira, e o Dr. Joaquim José de Meira que A. P. recordará como o seu único amigo nesse conselho.

É internado no colégio; não se adapta; passa a externo; para salvar o ano, recebe lições particulares: «O Padre Abel ensinava-me como eu gostava de ser ensinado. Com paciência, conversando, rindo, tratando-me bem. Lia-me os meus péssimos versos. Porque nesta altura eu já versejava — porque já lia livros que não eram os das aulas...» (Memórias).

1897 — Começa a frequentar a Biblioteca da Sociedade Martins Sarmento e da Família Meira. As suas leituras (Júlio Dinis, Tomás Ribeiro, Antero, Junqueiro, Baudelaire), maravilham-no. Pelo Toural,

passa em grupos ruidosos que perturbam o sossego convencional dos papás e mamãs burguesas (sic).

1898 — Vê pela primeira vez Martins Sarmiento, na estrada de Fafe. Fica impressionado com a sua imagem; publica versos no «Comércio de Guimarães». O «Parvónia» mete-se com ele. «O Comércio cá da terra abriu uma secção dos novos. Para principiar publica duas quadras, dois tercetos do poeta novo e cathólico Alfredo Pimenta, subordinados ao título — SONETO —, não fosse a gente imaginar pelo levantado da ideia, que aquilo era ode ou poema heróico».

«Obrigado pela explicação, amigo Pimenta, obrigado. (...)»

1899 — Exame de Filosofia no Liceu de Viana do Castelo. Parte para Coimbra para se matricular na Faculdade de Direito. Instala-se numa república da Rua de S. João, à sombra protectora de Luís de Freitas: uma casa alta de quatro andares com bilhar e restaurante no rés-do-chão; os seus companheiros foram D. José Ferrão e Raul Aboim, poeta, que fazia acrobacias de espantar na varanda do 2.º andar. A. P. «arruma» o seu quarto de trabalho: grande mesa coberta dum pano preto, encimada por uma caveira em missão de guarda. A sua morada em Guimarães é na Rua do Forno.

Continua a sua colaboração poética no «Comércio de Guimarães»: «... a minha harpa era fúnebre, e eu declarava-me constantemente à Morte, talvez porque possuía a Vida»; os seus amigos mandam, às escondidas, versos seus a Teófilo Braga, que enceta com ele uma larga correspondência.

Entrevê Eugénio de Castro, no Jardim Botânico.

Vê Guerra Junqueiro na Póvoa de Varzim; estas duas visões impressionam-no, embora com ressonâncias diferentes.

Lê o «Socialismo Libertário ou Anarquismo» de Silva Mendes: será um dos primeiros livros da biblioteca que constrói ao longo da vida.

O «Parvónia» escreve: «... Consta que o Alphueredo Pygmenta abandonará o campo da poesia e se ritirá para os seus aposentos após as traduções de Baudelaire e Campoamor e a publicação d'um seu livro intitulado «Mortes Repentinas» que em breve será vomitado no prelo...»

1900 — Continua no 1.º ano de Direito.

Lê «O único e a sua Propriedade» de Stirner, que é determinante na sua formação cultural: torna-se anarquista individualista, de feição

aristocrata. Além disso, lê Nietzsche, Renan, Caspar Schmidt, Proudhon, Bakounine, Kropotkine.

1901 — Continua no 1.º ano de Direito.

Continua a sua colaboração literária no «Comércio de Guimarães».

Publica «Um Alto Espírito visto à Luz do Espiritismo» (sátira a Santos Monte).

1902 — Frequenta o 2.º ano de Direito.

Continua a colaboração no «Comércio de Guimarães».

Com Eduardo de Almeida, funda uma revista literária «O Burgo Podre» em que proclamam não a independência, o desassombro ou convicções como é costume quando se cria um jornal, mas a total irresponsabilidade pois tencionam guiar-se ao sabor das suas vontades, reconhecendo a luta inaproveitosa de todas as doutrinas que contrariam o determinismo (sic).

1903 — Continua no 2.º ano de Direito.

Continua a publicação do «Burgo Podre».

Colabora na «Ala Moderna», revista quinzenal fundada por Alfredo Guimarães.

Entra em polémica com Augusto Pires de Lima «Os Despeitos da Academia».

Lê as «Soluções Positivas da Política Portuguesa» de Teófilo Braga e depois o «Cours de Philosophie Positive» de A. Comte, que o prof. Mendes dos Remédios lhe empresta.

Colabora na «Revista Coimbrã».

Defende a Arte comprometida.

1904 — Continua no 2.º ano de Direito.

Casa-se com D. Adozinda Júlia Correia de Meneses Soares de Brito de Carvalho.

Mora no Bairro de S. José.

Publica o «Eu».

Pensa desistir do curso de Direito; vai a Lisboa na esperança de se poder matricular no Curso Superior de Letras caso lhe dêem a equiparação necessária; pretende simultaneamente fazer vida no jornalismo (a família paterna desapoia-o economicamente em virtude da sua evolução ideológica).

Encontra pessoalmente Teófilo Braga, na Livraria do Tavares Pai, na Calçada do Combro — é o início de uma enorme amizade.

Colabora no «Jornal da Noite» (órgão monárquico constitucional), dirigido por Fernando Martins de Carvalho e Álvaro Chagas onde lhe dão completa liberdade de escrita: «E fiquei a escrever no 'Jornal da Noite' — críticas ligeiras, artigos ligeiros, na mais absoluta independência das conveniências políticas da gazeta» (...)

Regressa a Coimbra (o pedido de equiparação é indeferido): «Não havia meio de me adaptar a Lisboa: torturavam-me umas saudades indomáveis de Coimbra.

«Às noites da varanda da minha casa, olhava, lá ao fundo, o rio. E chorava de saudades do Mondego... Era o Mondego, era a Porta Férrea; eram as aulas; eram os rapazes; era o ar de Coimbra — era tudo que me fazia chorar de saudades.

«No Ministério do Reino, o meu requerimento seguia o seu caminho. E em fins de Setembro, veio o despacho: 'Indeferido'. «Corro a casa, digo para minha mulher: — Toca para Coimbra! E telegrafo ao meu bedel, ao nosso excelente bedel Álvaro Perdigão: matricule-me!» (Voz, 3-2-35).

Representa os republicanos de Guimarães no Congresso do Partido, em Coimbra. Perante a proposta defendida por João Chagas da demissão do Directório do Partido, A. P. pede que esclareçam a assembleia acerca dos fundamentos de tal proposta. Ao relatar a sessão o «Mundo» informa que A. P. apoiara o Directório. A. P., em carta, rectifica a notícia. O «Mundo» publica-a entre os anúncios.

1905 — Transita para o 3.º ano de Direito.

Nasce a sua filha Maria Adozinda.

Publica «Para minha Filha», (poemas).

Colabora na revista «Luz e Vida».

Enceta a grande amizade com Carolina Michaëlis de Vasconcelos que será até à sua morte (1925) um dos seus grandes apoios.

1906 — Transita para o 4.º ano de Direito.

Publica «A Mentira Monárquica» editado pelo Centro Republicano de Coimbra com a seguinte nota: «Ao publicar este trabalho do Sr. Alfredo Pimenta, o Centro não está a alimentar vaidades pessoais, apenas a manifestar a vontade de contribuir com todas as suas forças para a reorganização nacional baseada em princípios científicos e progressivos» (pág. 1).

Colabora em «Era Nova», semanário do NEA (núcleo anarquista dos Estudantes de Coimbra), com Campos Lima e Eduardo de Almeida. Publica «O Fim da Monarchia».

1907 — Frequenta o 5.º ano de Direito.

Nasce o seu filho Alfredo Manuel.

Participa activamente na Greve Académica. Pertence ao grupo de «Os Intransigentes»; mantém-se fiel à sua recusa de participar nos exames. Mais tarde dirá: «Um banal incidente universitário deu origem à greve académica de 1907, autêntico ensaio geral, ou manifesta sondagem do estado de espírito do País. Os três grandes centros académicos — Coimbra, Lisboa e Porto, mantiveram-se durante meses na mais febril das agitações, e mostraram até que ponto a Juventude pensante ou activa estava divorciada das instituições políticas. A atmosfera já de si tenebrosa tornou-se ameaçadora. O Poder cedeu perante a Anarquia da Juventude, sinal evidente de que o Futuro lhe estava cerrado. Um político monárquico das mais altas responsabilidades exclama: «Isto acaba por um crime, ou por uma Revolução!» (Palavras à Juventude, 1941).

1908 — Conclui o curso de Direito.

Assina o Manifesto com António Sardinha.

Sai de Coimbra «estuante de saúde, de energia, de audácia para enfrentar a vida...» (...).

Abre cartório de advogado no Porto, mas desiste ao fim de 8 meses.

Vive em Matosinhos, na Rua do Godinho.

Colabora em «A Voz Pública», levado por Sampaio Bruno.

Frequenta o grupo dos republicanos do Camanho; desgosta-se do ambiente e afasta-se.

Participa em comícios republicanos.

Publica «Factos Sociais», influenciado pela leitura do «Cours de Philosophie», de Comte.

Para fazer face aos problemas da subsistência, pensa ir para Moçambique, no que é dissuadido por Teófilo Braga.

1909 — Nasce a filha Maria Gracinda.

Funda o jornal «O Debate».

Colabora no «O Norte», onde encontra Américo de Castro.

1910 — Passa a viver em Lisboa; fixa residência no Dafundo.

É chefe de gabinete de Aurélio da Costa Ferreira, ministro do Fomento no governo provisório presidido por Duarte Leite.

1911 — Professor provisório no Liceu Passos Manuel.

Publica «Aos Conservadores Portugueses» livre de compromissos partidários, com a consciência da sua missão de intelectual.

É contactado pelo dr. Malva do Vale para escrever os «fundos» da «República».

Dá conferências no Liceu Passos Manuel: «A Acção Social dos Liceus», «A Lei da Separação».

1912 — Continua professor no Liceu Passos Manuel.

Começa a isentar o Rei das culpas dos males do país.

Gera-se o Partido Evolucionista: A. P. escreve o Manifesto publicado em 18-7-1912.

Publica «Na Torre da Ilusão», livro de poemas em que se olha e osculta «o drama singular duma consciência».

Profere no Liceu Passos Manuel uma conferência: «Da necessidade da Instrução Popular».

Fixa residência em Lisboa.

1913 — É eleito deputado pelo círculo de Aldegalega às eleições suplementares.

Indo ao Barreiro para participar num comício é atacado com pedras e improperios pelos Republicanos Democráticos.

É vencido no Partido Evolucionista pela orientação de Júlio Martins, mais radical do que a sua, conservadora.

Continua professor no Liceu Passos Manuel.

Publica «Política Portuguesa», compilação dos artigos de jornal e discursos escritos como teórico do Partido Evolucionista, e «Estudos Sociológicos», resultado da sua colaboração no «A Voz Pública», com prefácio de Teófilo Braga.

Presta provas para professor na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa; o seu concurso é anulado por falta de cumprimento de normas que desconhecia: «As Igrejas e o Estado no Regimen de Separação».

1914 — Afonso Costa desafia António José de Almeida para um duelo por causa de um «fundo» do «República» da autoria de A. P. intitulado «O Partido dos Escandalos»; solidários ambos, não aceitam

o desafio pelas armas, tão só no campo das ideias. Do incidente surge uma publicação conjunta intitulada «Uma Pendência célebre».

Publica «Alma Ajoelhada», sob a égide de Debussy e Gabriel d'Annunzio; define-se no soneto «Nec Spe Nec Metu», lema que usa no seu sinete, e «A Doutrina de Drago e a 2.<sup>a</sup> Conferência da Paz (1907) — 1.<sup>a</sup> Parte —».

1915 — Publica «A Eleição dum Presidente».

Profere uma conferência na Liga Naval «Significação Filosófica da Guerra Europeia e o Imperialismo Contemporâneo».

Na véspera do 14 de Maio, desliga-se do Partido Evolucionista.

Publica «A Questão Política», em que se dirige aos conservadores do seu país, declarando que não aspira a formar partido, sentindo-se melhor no isolamento.

Desliga-se da República e adere à Monarquia: publica «A Solução Monárquica» sob a epígrafe de Renan: «On n'est pas obligé de réussir, on n'est pas obligé de faire concurrence aux procédés que se permet l'ambition vulgaire; on est obligé d'être sincère» e confessa que não se decidiu facilmente a escrever aquele livro — ele é o resultado «duma nobre vitória do meu espírito» perante a sua consciência, «a única que em verdade vale»... passará «indiferente às pedradas de garotos mais ou menos doutores, sem medo algum das navlhadas miseráveis dos imbecis...»

Mas confessa que não pode ocultar a sua mágoa por se separar de Junqueiro, «terna amizade, amizade de muitos anos, e em cuja companhia eu desejaria atravessar a vida inteira...» (pág. 8).

Inicia a sua colaboração no jornal «O Dia».

Publica «Cartas a Um Monarchico» — Commentários.

Colabora na «Ideia Nacional» com o pseudónimo de «Lord Henry».

1916 — Profere na Liga Naval as seguintes conferências:

«Palavras de Arte»: «Na vida o que vale é a porção de Chymera que conseguimos encontrar-lhe... A Arte é como a religião, meio para elevar os espíritos até à Beleza...» (pág. 18). «A Missão da Geração Nova».

Publica «O Livro das Oraçoens»: «fecho os olhos num sonho de pureza / E sonhando, e a sonhar, a minha alma reza /oraçoens que, acordada, não diria. (...) (pág. 11), e «O Problema da Guerra»: «...a presente guerra é um phenómeno da vida europeia, em toda a complexa physiologia. Supor que ella podia ser evitada indefenida-

mente é desconhecer por completo as eis sociais e o condicionalismo geral da Europa» (pág. 11).

Continua a colaborar na «Ideia Nacional» já com o seu nome.

1917 — Publica «Política Monárquica»: «A Ordem é a condição do Progresso. Este não é mais do que o desenvolvimento daquele», — «Paysagem das Orquídeas» — «...Fito a bizzara orquídea... e penso que também, / Como ella a minha alma é cheia de estranheza, / E incapaz de amar ou querer alguém, / Sem ser por capricho... ou ancia de belleza» (pág. 10), «Cartas Sem Destino» — «Cartas sem destino, porque destino não têm estas cartas que eu vou escrever à Chymera», «Cartas a Um Estheta»: «chegou a hora de eu fechar as portas do meo templo: a Guerra veio terminar o cyclo do Bom-Gosto e da Arte... eu fico-me em tudo o que se escreveo athe Agosto de 1914, e ignoro o que dessa época se escreveo em diante — com muitas cautelozas e prevenidas excepções...»

1918 — Conferência na Liga Naval: «A Situação Política».

Publica «Coimbra — Carta a Denise».

Deputado ao Parlamento por Guimarães.

É autor de um projecto de lei para a revogação do Divórcio que é também subscrito por António Sardinha.

1919 — Publica «A Revolução Monarchica» — discordando da Monarquia do Norte: «Eu sou um espírito positivo e não espírito negativo; eu sou um conservador e não um revolucionário. Repugnam-me todos os actos de indisciplina; quer dizer, repugnam-me todas as revoluções. Posso sofrê-las, não as fomento...» (pág. 16).

Demarca-se do Integralismo Lusitano em relação à questão do rei D. Manuel II.

Eduardo Burnay pinta o seu retrato a óleo.

1920 — Profere uma palestra em casa dos Condes de Nova Goa: «Sombra de Príncipes» — «Em Arte não há escolas estéticas porque uma escola supõe um programa, princípios — isso tudo é a negação da Arte».

Publica «O Livro das Muitas e Variadas Coisas»: «Como Artista escrevo primeiro para mim; depois para mim; e sempre para mim. É pensando em mim que eu escrevo. Porque para o Artista só a sua Arte existe, isto é, a sua sensibilidade...» (pág. 31).

Publica «O Livro das Symphonias Mórvidas», escreveo-o Alfredo

Pimenta para os olhos dos que o souberem ler, e para a alma dos que o puderem sentir, e «A Questão Monarchica».

1921 — Dentro da Causa Monárquica funda «A Acção Tradicionalista Portuguesa»: «A nossa acção é *doutrinária*, não é *política*, no sentido estricto da palavra. *Doutrinariamente* somos autónomos. *Politicamente*, cada um de nós obedece às indicações do Lugar Tenente do Rei e ao Conselho Superior da Causa Monarchica que interpretam o sentir e o pensar do Rei» (pág. 10).

Inicia a sua colaboração no «Correio da Manhã».

1922 — Colabora activamente nas eleições municipais de 1922: «As eleições municipais de 1922 são obra minha. Posso afirma-lo com orgulho». «O Pensamento Político... Cartas», (pág. 15).

Publica «Cartas Políticas de Sua Magestade El-Rei O Senhor Dom Manuel II (Colligidas por A. P.). Com um prefácio de «Um Monarchico», e «Este é o Livro das Chymeras que, para consolação das próprias saudades, e para perpetuação de instantes transcendentais, Alfredo Pimenta escreveo, quando, tendo descido da Torre do seu Orgulho, entrava na Cathedral Magnifica da sua Humildade», e também «Pretextos e Reflexoens» — «Não escrevo por vaidade, por narcisismo, por amor da glória, por desejo de aplausos. Escrevo, por uma necessidade estrutural do meo temperamento, para que no silêncio vasto que me rodeia, e na solidão moral em que vivo, eu possa de vez em quando, ouvir-me e encontrar-me — e suppor-me um pouco menos só» (pág. 12).

1923 — Inicia a sua colaboração no «Diário de Notícias» com a secção «Cultura Estrangeira» que depois transforma na «Cultura Estrangeira — Cultura Portuguesa»: «Há os investigadores, é certo; mas também há os impressivos. E estes, senhores de uma cultura geral, se bem que superficial, precisam de quem lha alimente, fornecendo-lhes os elementos substanciais da Cultura, ou pela exposição das teses, ou pela indicação das fontes de onde elas emanam. A imprensa portuguesa diária nunca encarou este aspecto da elucidação intelectual do público. Pela primeira vez se tenta fornecer ao leitor português o espectáculo sistemático das múltiplas manifestações da cultura moderna».

Publica «Cartas Monárquicas para os portugueses em geral e para os monárchicos em especial», n.<sup>os</sup> 1 a 6, «Mensagem ao Lugar

Tenente de El-Rei», e «Carta ao Conselheiro Ayres d'Ornellas, illustre Lugar Tenente de Sua Magestade El-Rei».

Profere a conferência «As Bases da Monarchia Futura», na sede das Juventudes Monárquicas.

Publica «Este é O Livro da Minha Saudade, espelho de tristezas, jardim adormecido de sonhos dispersos, que Alfredo Pimenta escreveu, quando a sua saudade lho dictou».

É atacado à bengalada, em pleno Chiado, por Aquilino Ribeiro que responde deste modo a uma crítica feita à sua obra; o incidente suscitou a reprovação de todos os quadrantes.

1924 — Funda a «Acção Realista» — «Esse movimento da Acção Realista foi, dentro da Causa Monárquica do Senhor D. Manuel, a mais bela de todas as tentativas para dar à Causa o prestígio, a força e a eficiência indispensável para a conquista do Poder (...)» (O pensamento Político do Senhor D. Manuel II através das suas cartas, pág. 17).

Publica «Poemas em Proza».

Inicia a sua colaboração no jornal «A Época», nas secções «Tribuna Livre» e «Princípios & Factos».

1925 — Publica «A República Portuguesa em face da Egreja Catholica e a Política do Centro Catholico».

É nomeado para o Conselho Político da Causa Monárquica como representante da Acção Realista.

O Rei D. Manuel II escreve-lhe:

«...não deve o Alfredo Pimenta desanimar, sobretudo depois da publicação do seu livro (A República Portuguesa... Catholico); com igual franqueza lhe direi: 'não tem direito'».

Polémica com o Bispo de Bragança: «A Política do Centro Catholico e a minha resposta ao Senhor Bispo de Bragança e Miranda».

Colabora na «Voz Nacional» — Órgão da Acção Realista Portuguesa.

Publica «Uma questão política: A 'integral má-fé do Sr. Francisco da Cunha Vieira'».

1926 — Profere na Liga Naval a conferência: «A Solução Portuguesa, bem como uma outra conferência na sessão comemorativa do 1 de Fevereiro.

Desentendimento com a Causa Monárquica: demite-se do Conselho Político.

Carta ao General Gomes da Costa incitando-o à acção: «A minha missão não é poisar a pena, e empunhar a espada. Se eu fosse soldado, não poisaria a espada para empunhar a pena.»

«Quando visse, quando sentisse que o meu País tinha que reagir, para que o não assassinassem, desembainharia a espada, e diria aos meus soldados — *«sigam-me!»* «Nas vésperas do Estado Novo» (pág. 29).

1927 — Publica «Tratado de Versificação Portuguesa»: «Para nós, Verso é um conjunto de notas muzicais, ordenado a um determinado, restricto e previamente ideado fim» (pág. 16).

Inicia a sua colaboração no jornal «A Voz», nas secções «Diário de Paris» (pseudónimo Structor), «Bilhete de Paris», «Tribuna Livre», «Bazar das Letras», etc.

1928 — Acompanha com atenção a evolução do movimento do 28 de Maio; grande parte dos seus comentários encontram-se reunidos no livro «Nas Vésperas do Estado Novo», publicado em 1937.

1929 — Publica «Do meu Fideísmo, da Theologia das 'Novidades' e do mais que adiante se verá».

1930 — Publica «Estudos Filosóficos e Críticos» com prefácio de Ricardo Jorge que escreve: «Discorri ao longo das páginas caleidoscópicas deste livro raro, senão único, que podia sem ostentação arvorar a divisa — *De omni re scibili — et inscibili...* Admirei-lhe desde logo a erudição crítica a borbulhar em cachão, como veia a manar dos olhos duma fonte inestancável; mas esse caudal corre comprimido nos regos talhados pela mão criteriosa de quem sabe o curso a dar às águas do saber, para que a sua rega aproveite e fecunde. Tudo versa e controversa, sempre no mesmo ritmo lógico e glóssico de ideia e de linguagem; a discussão e o estilo são modulares. Sobriedade e clareza, rigor e vigor. Um curso magistral de lições e críticas» (E. F. C., pág. XIII).

1931 — Publica «Das Origens da Poesia Peninsular» (Estudo seguido de 47 Cartas de Carolina Michaëlis de Vasconcellos a A. P.). É nomeado 2.º Conservador da Torre do Tombo.

É nomeado Director do Arquivo Municipal de Guimarães, então criado, e funda o «Boletim de Trabalhos Históricos» em que se propõe «a publicação nua e fria dos documentos».

Publica «Os Srs. Prof. André Velasco e Queirós Veloso plagiadores — Subsídio para as suas biografias mentais».

1932 — Publica «Vínculos Portugueses», e «O Pensamento Político do Senhor D. Manuel II através das Suas Cartas».

É nomeado Vogal da Comissão Central do Conselho Superior de Instrução Pública preenchendo a vaga deixada por Achilles Machado.

Enceta com o Prof. Oliveira Salazar a larga correspondência que manterá até ao final da sua vida.

Funda o grupo literário «Os Tertulíadas» com Caetano Beirão, João Ameal, Fernando de Campos, Luís da Câmara Pina, António Meneses, Francisco Santos Silva, Alberto Ramires dos Reis e Mário Carvalho Nunes.

É desafiado para um duelo pelo General Pereira Bastos por causa da data de 24 de Julho a atribuir como nome a uma artéria da capital.

1933 — Publica «A Quem Pertence a Casa de Bragança?»

O «Diário de Lisboa» celebra a mentira do 1.º de Abril com a notícia de um duelo entre Alfredo Pimenta e Afonso Lopes Vieira a propósito da edição da «Lírica» de Camões por José Maria Rodrigues.

1934 — Publica «Os Bens da Casa de Bragança — Resposta às Duas Cartas que um abalisado advogado escreveu em defesa do Decreto n.º 23 240», e «Elementos de História de Portugal — Elaborados para uso do Ensino Secundário, absolutamente de acordo com o respectivo Programa». «Este livro é o produto de longos anos de estudo, meditação, revisão de doutrinas próprias e alheias, — um esgotante trabalho feito sem pressas, por não ter outro fim que não fosse o desejo de saber; foi redigido, porém, em quatro meses e doze dias, desde 1 de Março a 12 de Julho de 1934, num autêntico *tour de force*, em que pus à prova a minha capacidade de resistência e a bondade da Providência.

«Parti do princípio de que estava tudo por fazer. Não copieie uma linha de ninguém. Todas as fontes foram revistas e joeiradas» (E. H. P., pág. X).

O Arquivo Municipal de Guimarães é instalado nas salas do antigo Paço do Conselho.

1935 — Publica «Novos Estudos Filosóficos e Críticos», a 2.<sup>a</sup> edição dos «Elementos de História de Portugal», «Os Meus Elementos de História de Portugal e a Crítica», e «Pierre Ronsard foi Cavaleiro de Christo?» in «Mélanges offerts à Paul Laumonier».

Profere na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra uma conferência intitulada «A Evolução de um Pensamento» — (Auto-biografia Filosófica).

Os «Elementos de História de Portugal» são preteridos a favor do «D. Sebastião» de Queirós Veloso no prémio Alexandre Herculano, atribuído pelo Secretariado de Propaganda Nacional. Foi entrevistado pelo «Diário de Lisboa» para o Inquérito sobre o Panorama Literário Português.

1936 — 3.<sup>a</sup> edição de «Os Elementos de História de Portugal».

O prémio Ramalho Ortigão, do Secretariado de Propaganda Nacional, é atribuído ao seu livro «Novos Estudos Filosóficos e Críticos».

Profere na Academia das Ciências a conferência intitulada «O Império Colonial Factor de Civilização», integrada no Ciclo de Alta Cultura Colonial.

Publica «Os Vimarais Monumenta Histórica e a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães», «Polémica Histórica com o Sr. A. Botelho da Costa Veiga, «D. João III», que abre a colecção «Estudos Históricos — «Biblioteca de Revisão Histórica», sob a sua direcção, lançada pela Livraria Tavares Martins, do Porto: «Isto, leitor benigno, não é a história do reinado de D. João III (...) Isto é, apenas, quer ser, apenas, o esboço impressionista, a *pochade* rápida da sua acção de governante (...) É a bem dizer, este livro, a primeira obra de conjunto que se escreve sobre D. João III» (D. João III, pág. IX).

Publica «A Conquista de Coimbra por Fernando Magno», «A Lição dos Factos» — «A Morte do Rei de Inglaterra», e «Chaimite».

Oliveira Salazar escreve-lhe: «Os problemas postos por V. Ex.<sup>a</sup> interessam-me muitíssimo e era preciso ver se somos capazes — e porque meio lá chegaremos — de reconstituir o Estado, servido por 'pessoal intelectualmente adequado'. O ponto difícil é que é necessário começar por agures e para esse começo tem de dispôr-se de certo

número de elementos. Há-os? Como aproveitá-los? É abusar de V. Ex.<sup>a</sup>, pedir concretamente a sua opinião, mas faço-o confiado no seu patriotismo e na incontestável vontade de que nos salvemos. Sou quem em Portugal vive mais intensamente a tragédia do futuro, que não sei assegurado e não o será com certeza sem a modificação da nossa mentalidade. Somos capazes de operá-la?» (14 de Setembro).

Demite-se do seu lugar de Vogal da Comissão Central do Conselho Superior da Instrução Pública.

1937 — 4.<sup>a</sup> edição dos «Elementos de História de Portugal». Publica «Aditamento aos Elementos de História de Portugal» e «Subsídios para a História de Portugal (Textos e Juízos Críticos)», material seleccionado para a sua projectada História de Portugal.

Inicia a série de «Estudos Históricos» de que publicará dentro deste ano o n.º I («A Conquista de Lisboa em 1147 — Nota à Margem da História de Portugal de Alexandre Herculano»), e n.º II («O D. João VI do Marquês de Lavradio»).

Académico Titular Fundador da Academia Portuguesa de História. Reivindica a atribuição do prémio Alexandre Herculano do SPN para o seu «D. João III».

Publica «Os Prémios Literários de 1936 do Secretariado de Propaganda Nacional» e «Nas Vésperas do Estado Novo»: «Estado Novo é uma experiência, — mas é uma anomalia na vida política da Nação.

«Tem até agora resolvido problemas de administração. Não resolveu, não pode resolver o problema crucial, o problema fundamental, o problema essencial — o problema político. É um artifício — cheio de magníficas intenções honradas do homem que o architectou, mas um artifício precário, provisório, à mercê duma lufada». (pág. 181).

1938 — 5.<sup>a</sup> edição dos «Elementos de História de Portugal».

Continua a série dos «Estudos Históricos»:

n.º III (O Foral de Chaves — 15 de Maio de 1258);

n.º IV («A História da Igreja» do Padre Miguel de Oliveria — Anotada por A. P.);

n.º V («A doação de Afonso de Ansemondes de 1.º de Novembro de 1154» — Texto e comentário); com este estudo colabora de motu próprio na celebração do 8.º centenário da Independência de Portugal.

Edita «Cartulário do Mosteiro de Crasto».

É desafiado por Costa Veiga para se bater em duelo por problemas de erudição.

Publica «Breves Notas às Questões Históricas do Sr. A. Botelho da Costa Veiga» (exemplar único), «Palavras Insuspeitas» e n.º VI dos E. H. «O P.º Miguel de Oliveira e a sua História da Igreja — réplica pianíssima!»

1939 — Na série dos «Estudos Históricos», publica:

n.º VII («A Data da Fundação da Nacionalidade — 24 de Junho de 1128»); n.º VIII («Notas de Diplomática»); n.º IX («O nome de D. Affonso Henriques nos Documentos Medievais»): — «É possível que se considere este problema coisa mínima de que o Pretor não deve cuidar. Não é assim.

«Em ciência, não há problemas grandes ou pequenos; há problemas bem postos ou mal postos (...) ele envolve a solução de outros de natureza diplomática, paleográfica, histórica e filológica» (pág. 12), e n.º X («Apostilla às Notas de Diplomática»).

Publica «As Festas dos Centenários».

1940 — Na série «Estudos Históricos», publica:

n.º XI («Onde Nasceu Portugal»); n.º XII («Inédito Precioso do Cardeal Saraiva — Publicado e Comentado por A. P.»); n.º XIII («As Chancelarias Medievais Portuguesas da Senhora Abiah E. Reuter — Esboço Crítico por A. P.»); n.º XIV («A Data do Combate de Val de Vez»); n.º XV («A Façanha de Martim Moniz»).

Publica «Guimarães» (Publicação Comemorativa das Festas Centenárias da Fundação de Portugal), «Três Documentos Affonsinos», «Alguns Documentos para a História de Idanha-a-Velha, e «Livro dos Roubos q̃. os franceses e vasallos do Rej de frança fizeram aos Moradores desta Villa de Guimarães e seu Termo» — Torre do Tombo, corpo chronológico, 1.ª parte, m. 50, doc. n.º 30).

Publica «Os Forais Medievais Vimaranenses, e «A Concordata — Esboço crítico» (exemplar único).

Profere a conferência «A Fundação e a Restauração de Portugal», na Câmara Municipal de Guimarães.

Comunicação ao Congresso do Mundo Português: «A Crise de 1383-1385. — Robustecimento do Espírito Nacional — Consolidação da Independência».

Inicia a sua colaboração na revista «Esfera», revista portuguesa de Actualidades Internacionais».

Queixa-se ao Presidente da Assembleia Nacional pelo facto de a sua correspondência ser violada. (O presidente do conselho manda

recolher a edição do Diário das Sessões e ordena uma nova edição sem a referida queixa).

Exprime o desejo de, à sua morte, ser enterrado no cemitério de Aldão, em Guimarães.

Publica «Garantir o Futuro».

1941 — Continua a série de «Estudos Históricos»: o n.º XVI («Para a História das Relações entre Portugal e a Alemanha — 1884-1914»); o n.º XVII («A História de Portugal do Sr. António Sérgio — Vista por A. P.»), «Contra o Comunismo», «Breves Notas ao Soneto Alma Minha Gentil...», «O Padre Nosso — Comentário à modificação introduzida»).

Publica «Últimos Echos de Um Violino Partido»:

*«Eu sou um Estradivário enamorado  
que gemeo e sorrio, cantou e soluçou,  
quando sentio passar nas cordas, inspirado,  
o arco sem igual que Deus lhe destinou.»*

Profere na Sala Salazar da Universidade do Porto uma Conferência subordinada ao título «Palavras à Juventude», e no Ateneu Comercial de Braga uma conferência intitulada «Mestres do Pensamento».

Expressa o desejo de ser sepultado na capela da Madre de Deus, em Guimarães.

1942 — Continua a série de «Estudos Históricos»: publica o n.º XVIII («Para a História das Relações entre Portugal e a Inglaterra — Dois Documentos Inéditos»); o n.º XIX («A Propósito do Paço dos Duques de Bragança»); e o n.º XX («O Descobrimento do Brasil»).

Publica «Dois Bispos de Coimbra ao mesmo tempo, no século XIII».

«Eu e as Novidades»; «Leituário da Sé de Lamego»; «A Crónica da tomada de Ceuta — (Introdução, Selecção e Notas»); «A Senhora de Pangim»; «Memórias do Mosteiro do Paço de Sousa» — Index dos Documentos do Arquivo composto por Frei António da Assunção Meirelles — Publicação e Prefácio por A. P.), «A Igreja e os Regimes Políticos» e «A Igreja e os Regimes Políticos» — Aditamento.

É preso por ordem do Ministro do Interior pelo facto de ter içada permanentemente à janela da sua casa em Lisboa a bandeira da Restauração.

1943 — Na série «Estudos Históricos» publica o n.º XXI («As ilhas dos Açores — Síntese Histórica»).

Publica «Os Historiôgrafos de Alcobaça — Introdução, Selecção e Notas»; «Frei Luís de Sousa — Introdução, Selecção e Notas»; «Escritor Ingrato a Uma Crítica Justa», e «À volta da Sucessão Dinástica».

Começa o conflito com a Academia Portuguesa de História.

É denunciado como escritor perigoso por uma nota do Patriarca de Lisboa que se apresenta na sua «qualidade de doutor e juiz da Doutrina Católica».

Publica «Teófilo Braga».

1944 — Na série «Estudos Históricos» publica:

o n.º XXII («Duarte Darmas e o seu Livro das Fortalezas»).

Publica «A Propósito de António Sardinha» — carta ao brasileiro Guilherme Atuler com quatro cartas de António Sardinha e sob a epígrafe do próprio Sardinha: «Chamaram por mim. Pois aqui estou — e como sempre de cara descoberta!» «António Sardinha e o Grupo Recreativo dos Trinta e Seis»; «Paiva Couceiro»; «Contra o Comunismo» — Análise Comparativa das Encíclicas Mit Brennender Sorge e Divini Redemptoris; «Alguns Documentos para a História Comum Portuguesa e Brasileira»; e «Eugénio de Castro na Poesia Portuguesa» — (Esboço Crítico seguido de 20 cartas inéditas do Poeta).

1945 — Na série «Estudos Históricos» publica: o n.º XXIII («Ainda a Batalha de Ourique»).

Publica «Carta a Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amélia»; «A Democracia Nova» e «Os Criminosos de Guerra e os neutros».

1946 — Publica «A Estilística Portuguesa do Sr. Rodrigues Lapa vista por Alfredo Pimenta»: «Que a língua não seja a múmia petrificada, nem o túmulo entevado e bafiento; mas que não seja também o *no man's land* do Jornalismo ignaro que nos atira à cara com o *carrilhanor* e outras imbecilidades, e do Modernismo idiota que desafia as leis mais correntes do Bom Senso.

«A língua é a expressão do Pensamento. E este só existe onde há ordenação e lógica. (...) As abstracções, por mais subtis, as ima-

gens, por mais transcendententes, são apreensíveis, desde que se sirvam do modo de expressão em que haja lógica e ordem» (pág. 6).

Publica «Fuero Real de Afonso X, O Sábio — Versão Portuguesa do século XIII, publicada e comentada por A. P.»: «Até me parece sonho de tarde de primavera o eu poder abalançar-me à empresa de publicar esta versão portuguesa do *Fuero Real*, há anos guardada, copiada, na minha livraria, à espera de monção. (...) Da Crítica do meu País, mortos alguns que podiam, magistralmente, exercê-la, e, de facto, magistralmente a exerciam, há muitos anos que só recebo ou o silêncio cobarde e impotente, ou o apedrejamento selvagem e odiento.

«Continuarei indiferente, e sempre *rerum novarum cupidus*, a trazer para o edifício, os seixos grosseiros da minha pedreira, que outros, um dia, mais felizes ou mais hábeis, depois de os terem desbastados, alindarão» (págs. VII e IX).

«Com excepção da Catalunha, onde se passou da *Lex Visigothorum* para os *Usatges* promulgados em 1068, ainda que, já na vigência destes, se applicassem, uma vez por outra, disposições do Direito visigótico — com excepção da Catalunha, por todos os reinos católicos se espalhou o sistema foralengo, processo útil de repovoamento das terras, e de fixação das populações» (pág. 3).

Publica «Idade Média (Problemas & Soluções): «A História é a descrição ou narração dos phenómenos do mundo social — seja qual fôr o sector que se tome para campo a narrar ou descrever» (pág. XII), e «Os processos jornalísticos do Correio do Minho».

É demitido da Academia Portuguesa de História, como consequência de um longo processo de incompatibilidade de feitos e irreverência para com os estatutos e alguns académicos.

Publica «Na Academia Portuguesa de História — Página solta dos seus Anais escripta por A. P.».

Inicia a sua colaboração em «A Nação», semanário dirigido por J. O'Neill.

1947 — Na série «Estudos Históricos», publica o n.º XXIV («Carta de Feudo A Claraval»).

Publica «Coelho da Rocha e Camilo Castelo Branco», «Cartas aos Monárquicos Portugueses», em que mais uma vez defende a necessidade de os monárquicos possuírem doutrina e se preocupa com o problema do regime, dado que embora Oliveira Salazar tenha desenvolvido, na sua opinião, uma notável acção governativa, «se virmos as

coisas do plano do futuro, o Estado Novo é quase inteiramente estéril» (pág. 5).

Em Guimarães, profere a conferência «Em defeza da Portugalidade» em que se define: «...inflexível, de uma só peça, tão claro como o dia, nas minhas atitudes, tão transparente como a água da minha fonte, nas minhas doutrinas, tão lógico como as deduções matemáticas, nos meus actos...» (pág. 9).

É confirmado na sua qualidade de Académico na Academia Portuguesa de História pelo Ministro da Educação Nacional que juridicamente anula a decisão da Academia.

É nomeado 1.º Conservador da Torre do Tombo.

Publica «Na Hora da Tragédia».

1948 — Na série «Estudos Históricos» publica o n.º XXV («A doação de Villa do Conde a Maria Paes, a Ribeirinha»).

Publica «Fontes Medievais da História de Portugal» — Selecção, Prefácio e Notas — Vol. 1.º — Anais e Crónicas, a que se seguiriam nos seus projectos «Textos Jurídicos», «Inquirições» e «Documentos Particulares».

Publica «À Memória do Doutor José Leite de Vasconcelos», «Para a História da Academia Portuguesa de História» (Com vinte e sete documentos), e «Cartas Monárquicas Escritas ao Estudante Caetano de Melo Beirão»: «Na minha idade, o *amanhã* já não interessa muito, pessoalmente, aos homens que se limitam a comer, dormir e gosar a paisagem. Mas além de que o meu espirito é, hoje, tão ansioso de descobrir novos horizontes, e encontrar novas certezas, como há quarenta anos, dá-se ainda a circunstancia de ver à minha volta novas vidas que começam e são do meu sangue. Dez netos me rodeiam, e eu contemplo-os aflito, meditando no seu enigmático futuro.

«Preocupa-me pois, primacialmente, o dia de *amanhã*.

«E nós não sabemos o que ele será. Não se tem procurado salvar a Mocidade — nem na orientação da sua formação mental, nem no rumo da sua fortaleza de carácter. (...) Os seus doutrinadores são ou herméticos, ou partidários do 'Deus é bom, mas o diabo não é mau', ou vagos, indecisos, cultores de mitos e superstições» (pág. 9).

O escultor vimaranense Joaquim Teixeira faz o seu busto.

Publica «Nos Escombros de A Nação».

1949 — É nomeado Director da Torre do Tombo.

Pede a exoneração de membro da Academia Portuguesa de História.

Publica «Três Verdades Vencidas: — Deus, Pátria, Rei», «Carta Pública ao Sr. Deputado Pinto de Meyrelles Barriga» e «A Firma Jorge Botelho Moniz e Juliana Couceiro Távira».

Profere no Hotel da Penha, em Guimarães, a conferência intitulada «Contra a Democracia».

É retratado pelo pintor Ruy Preto Pacheco.

1950 — Publica «A naturalidade de Francisco Sanchez».

Profere no salão nobre da Câmara Municipal de Braga a conferência «Guerra Junqueiro», integrada no 1.º ciclo de Conferências culturais que o Município de Braga promoveu.

O seu retrato pintado a óleo por Preto Pacheco é, na parte que reproduz o seu ex-libris, anavalhado na Exposição das obras daquele pintor no salão da Sociedade de Belas Artes em Lisboa: «Este sinete que eu concebi, compus e desenhei, e, mais tarde, transformei em ex-libris, é constituído por três partes harmónicas que obedecem à mesma intenção: a) um texto — a versão latina de certa passagem de Sexto Empírico: *omni rationi parem rationem dari oppositam* (Pyrrhoneioi Hypotyposes I, 6) que, segundo Diogenes Laércio, se deve atribuir a Protágoras (Biografias, Doutrinas e Sentenças dos Filósofos ilustres de todas as seitas, livro IX); b) duas expressões gráficas do Enigma, do Mistério, do Nihil scitur: 1) a Esfinge, anteposta ao Texto; 2) a Fyllfot sob-posta ao texto» (S. B. A. pág. 5).

Publica «Na Sociedade Nacionnal das Belas Artes (A navalha em Acção)»: «Tenho e uso este sinete, há muitíssimos anos. É o sinete dos actos solenes, que, repito, concebi, compus e desenhei. Não o uso sempre — porque me gasta muito lacre... Ninguém se importou com a esfinge nem com o texto. O malandrim marrou na suástica, persuadido de que sabe o que ela é, quando nasceu e o que significa. Por mim não sei quando nasceu, não sei bem donde provém; e ignoro o que significa. E não é pouco o que tenho estudado a tal respeito. Mas ainda assim, sei alguma coisa, sei por exemplo, que (...) milhares de anos antes do nazismo vir ao mundo, andava a cruz gamada em lápides funerárias, em figuras humanas, e tinha entrado na simbologia dos homens; e muito tempo antes do nazismo, adoptava-a eu no meu sinete como sinal misterioso, enigmático e interpretativo por isso mesmo do meu cepticismo que o texto do Empírico assinala» (pág. 6).

— Em 15 de Outubro, morre na sua casa da Rua Pinheiro Chagas, em Lisboa, vítima em poucas horas por uma trombose cerebral, rodeado pelos entes que lhe eram mais queridos: a sua família.

Publicação póstuma de «Páginas Minhotas», com um retrato a carvão por Preto Pacheco.

1951 — Trasladação dos seus restos mortais para a Capela da Madre de Deus, em Guimarães; oradores, o Professor Doutor Álvaro Júlio da Costa Pimpão e o Dr. Eduardo de Almeida.

1958 — Publicação póstuma do «Terceiro Livro de Estudos Filosóficos e Críticos».

1970 — Doação da sua Biblioteca e do seu retrato por Preto Pacheco à Fundação Calouste Gulbenkian pelos seus Filhos.

1982 — Instituição do «Prémio de História — Alfredo Pimenta» por seu filho Dr. Alfredo Manoel Pimenta.

Comemoração do primeiro centenário do seu nascimento pela Câmara Municipal de Guimarães com a publicação de um número especial do «Boletim de Trabalhos Históricos», uma exposição bio-bibliográfica no Museu Alberto Sampaio, uma sessão evocativa com as orações do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão e do escritor António Manuel Couto Viana, uma missa solene concelebrada por Suas Excelências Reverendíssimas os Senhores Bispo Primaz de Braga e Arcebispo-Bispo de Lamego, e uma medalha da autoria de D. Isabel Almada e Arq.<sup>to</sup> Fernando Branco.

*Maria Tereza Pimenta*